



Raquel Ribeiro
este samba
no escuro

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

índice

Parte I	11
Parte II	77
Parte III	151
Glossário	227
Nota biográfica	231

© 2013, Raquel Ribeiro
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Este Samba no Escuro*
Autora: Raquel Ribeiro
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2013

ISBN 978-989-671-183-2
Depósito Legal n.º 365749/13

Para a Michi e para a Beatriz

Esta isla es algo muy grande. Aquí han ocurrido las cosas más extrañas y las más trágicas. Y siempre será así. La tierra, como los seres humanos, tiene su destino y el de Cuba es un destino misterioso. Yo no soy bruja, ni gitana, ni cartomántica, ni nada de eso; no sé leer la mano como es debido, pero siempre me he dicho que el que nace en este pedazo de tierra trae su misión, para bien o para mal.

MIGUEL BARNET, *Canción de Rachel*

Parte I

Acreditar na existência dourada do Sol
mesmo que em plena boca
nos bata o açoite contínuo da noite.

João Bosco, *O Cavaleiro e os Moimhos*

Quem entra em Havana pelo oriente sabe que, no recorte do horizonte, as luzes da cidade vão surgir austeras atrás do morro. O Capitólio e o amarelo da cúpula. O azul quase eléctrico do Habana Libre. O verde triangular do Focsa. E uma miríade de pontos a costurar a cidade. Álvaro estava atento, no topo do camião a céu aberto, tiritando até às entranhas com a humidade da noite, à espera de que ela aparecesse como um espectro, adiante, onde o olhar alcançava. Não coçava a orelha quando a comichão assanhava, não cerrava os olhos quando o vento feria, calara a boca há várias horas quando soube que Havana estava perto e que, a partir de então, tudo o que dissesse podia ser usado contra si — mesmo o anunciado espanto boquiaberto quando a vista do Capitólio o arrebatasse. Perder esse momento era estar condenado a sonhar sempre aquilo que não viu, mesmo que o visse depois com outros olhos, quando voltasse outras vezes, de Ciego para Havana.

Faltava pouco para a cidade aparecer detrás da colina. Primeiro os edifícios mais altos, depois todo o recorte e, finalmente, o mar de luz vindo como fogo de dentro das casas em ruína, pátios com lareiras

brilhando. Sem tecto. Álvaro nunca imaginara Havana como uma cidade arruinada. — Ruínas de quê? — perguntava ao avô Ernesto.

— Caem dezenas de prédios todos os anos.

— Caem como?

— Caem. Do céu — dizia o avô. — Tu vê lá, não me entres em prédios que vão cair!

— Como sei se vão cair?

— Isso cheira-se. Cheira a *gusanos*.

Gusanos era maneira de dizer contra-revolucionários. O velho Ernesto ainda acreditava na teoria da conspiração e Álvaro tinha medo que, na sua visão de Havana, aquela que acabaria por lhe aparecer diante dos olhos, os prédios comessem a ruir um a um, castelos de cartas a apagar, com a poeira da derrocada, as fogueiras dentro. Sabia que Havana poderia cair a qualquer momento — à excepção do castelo de Atarés, o quartel para onde iria, protegido por dois anos de serviço militar. Mas mesmo que Ernesto lhe tivesse dito que as ruínas tinham invadido a cidade e sitiado a população, Álvaro não imaginava Havana como um enorme gato castrado. Sabia que, à semelhança de um feroz leopardo, porte e orgulho de pele, Havana ia caçar por ter fome.

Talvez a ansiedade fosse agravada pelas lembranças do avô doente. E era a sua voz consoladora na partida que o angustiava agora na quase-chegada. Tinha saudades do mau humor do avô, das discussões da família, das lições de maturidade: — Agora já és um homem! Daqui a nada vais para o serviço militar, servir a pátria — dizia-lhe o avô.

— Ai, pai!, não diga essas coisas que me ponho a chorar — gritava a mãe, tirando por momentos as mãos da costura das meias e levando-as à cabeça em desespero.

Álvaro sabia que a mãe não chorava já por si, mas ainda pela sua irmã, Teresa, que fugira para a América há quase trinta anos e de quem nunca mais tivera notícias. O avô, se chorava, fazia-o às escondidas, porque para a família e para toda a cidade pusera um ponto final no lugar onde antes se escrevia o nome da sua primogénita.

Perdido na imensidão das folhas largas e verdes das bananeiras, Álvaro sentiu um aperto quando reviu o avô quase inconsciente deitado na cama do quarto dos pais que se tornara um pequeno hospital improvisado desde o enfarte. Essa era a memória que mais lhe doía, talvez nunca mais ver o avô, não saber quando voltaria a casa, talvez saber que o serviço que teria de cumprir — cair na ruína, como Havana — podia levar um tempo para sempre que ele não conseguia ainda identificar.

Deixara de sentir o ar cortante da noite como golpes de papel na face; as picadas dos mosquitos e o seu zumbido no cimo do camião sob as estrelas; deixara de reparar na marca dos carros que o ultrapassavam, nos outros homens e mulheres, de pé, mais de sete horas, de pé, ao frio e ao vento no alto daquele camião; deixara de pensar que, como todos, ele só queria chegar, o destino era Havana e, como Havana, o destino era a ruína. Distraíra-se a pensar no avô, fechava os olhos por momentos quando um mosquito,

ou qualquer coisa voando, lhe embateu na vista. Foi por isso que só os abriu quando ouviu o oh! coletivo, clamor na voz dos passageiros do camião. O oh! subiu na noite em assombro porque a cidade aparecia ao fundo como uma tela que mansamente sobe atrás de um palco, como quando no teatro a lua se eleva com lentidão de grua, documentando a passagem do tempo. Quando as lágrimas lhe chegaram aos olhos, Álvaro não sabia se era ainda a asa do mosquito ou a repulsa pela luz. E o camião em histeria apontava, comentava, admirava — oh!

— Agora já és um homem, vais para o serviço militar — lembrou.

Ernesto sabia que os prédios em ruína cheiravam a contra-revolucionário, mas não sabia (não poderia saber) que do alto de Diez de Octubre, à noite, Havana tem cheiro de refinaria, cheiro a níquel queimado, a interior, como só se sente em Boyeros quando se abre a janela do carro e o ar da noite sabe a escape. Álvaro viu a chama da refinaria reflectida nas águas paradas da baía e adivinhou o seu odor quando o camião acelerava na descida para o centro junto à avenida do porto, sentindo-se agora atordoado com a novidade vinda de todos os ângulos, distinta da vegetação monocromática. O cheiro entranhou-se-lhe nas narinas e também por isso as lágrimas brilharam mais. Agora via prédios em colapso e prédios arranjados, linhas de comboio rasgando a estrada, locomotivas estacionadas, imóveis na eternidade dos anos, telhados altos com fogueiras imaginárias, ruínas negras na distância em que se ouvia o silvo do comboio

na estação que Álvaro não via, mas já sabia que existia — tudo isto depois do castelo de Atarés, onde um dia houve um rei (negro). Álvaro reconhecia o som da trompete que ainda lá está a tocar quando o silvo do comboio foi subitamente interrompido pela buzina e pelas interjeições (sotaque que abre vogais e come consoantes) do motorista do camião: *Cara'ò!*

Agora Álvaro está louco (rei, negro) com o fulgor de Havana. Há tantas coisas que ele quer decorar mas ainda não percebe os edifícios, os frisos, os símbolos nas portadas e as suas funções, não destrinça os sons, a trompete sonhadora ainda no castelo, o comboio a bramir ao longe, as blasfémias do condutor, os olhares fugazes das pessoas sob as colunas dos edifícios, cidade inundada de penumbra, cores vibrantes esbatidas nas fachadas, ruídos de sexta-feira à noite e Havana aperaltando-se para sair à rua.

E à esquerda, a cúpula.

— Ei! Onde pensas que vais? — gritou um homem.

Álvaro acabara de descer do camião, esmagado pelo peso do Capitólio. Subia com fúria a escadaria quando o homem voltou a gritar:

— Não ouviste o que te disse? Sim, sim, estou a falar contigo! Não sabes que não podes subir? — Álvaro não sabia, mas ficara a saber que a cúpula do Capitólio vista do solo é muito mais imponente do que na distância. Uma regra, uma proibição. Afinal Havana não era tão livre como a imaginara (contaria ao avô que os contra-revolucionários tinham mesmo sitiado a cidade): era o caos de trânsito em sentidos

contrários, congestionamentos e regras estabelecidas ao sabor da prioridade, carros destilando aquele cheiro a gasolina queimada, escangalhando-se a cada curva, gente a arregasar as mangas e a pedir na esquina, um aleijado, dois aleijados, um manco, um cego, um paralítico, três aleijados, um velho de barba que não se lavou, rapazes bem vestidos (malandros) encharcados em perfume barato, raparigas de saltos altos e um qualquer adorno cintilante, uma máquina fotográfica, um, dois, três *flash!*, um putinho a ladinhar peso para gelado, peso para gelado, peso para gelado, fulanos plantados na esquina para verem e serem vistos, quatro aleijados, um velho sem barba que também não se lavou, uma mulher de bidão às costas, homens parados junto a carros semidesfeitos colados com plasticina vibrando com a batida da música (gasolina), cinco aleijados, velhos a snifar o resto do rum de copos vazios, o ruído dos motores dos calhambeques para turistas que não chegam nem para os trocos, e o putinho ainda a pedir dá-me um peso, dá-me um peso, dá-me, dá-me, dá-me, um homem elegante a destilar puro com fumo, outro cego, e um fulano a perguntar, Cigarros? Mulheres? Rum? De onde és, de onde és?

Álvaro atravessou a rua a correr, passou debaixo das arcadas do Payret (filme americano em cartaz), correu até à esquina, uma mulher ainda o agarrou no braço e disse

— olá, *carriño*, aonde vais com tanta pressa?

Álvaro nem olhou para trás, não compreendia — Quem era esta gente? Porque o olhavam assim, lhe

pediam coisas, lhe dirigiam a palavra? Como sabiam que tinha acabado de chegar?

Parou sob a primeira árvore a descansar do sol que só viria no dia seguinte e que sabia ser abrasador. Eram apenas oito da noite mas estava exausto — sete horas de pé no camião em equilíbrio. Doíam-lhe a coluna, as solas dos pés, a orelha coçada, a pele mordida pelos mosquitos, os olhos ofuscados por Havana, as narinas entupidas de gasolina, os ouvidos consumidos pelo bramir dos corpos na cidade, a dança do assédio, a ladainha do desespero.

— Ei! Que estás aí a fazer? Anda cá! Anda cá! — alguém lhe gritou ainda do outro lado do Parque Central no preciso momento em que as suas pálpebras pesaram e começaram a cerrar, a cabeça encostada ao mármore branco, o corpo retirado de combate, no centro do jardim, sob o olhar atento da estátua austera de José Martí.

Glossário

AGRAMONTE, IGNACIO (1841-1873) — revolucionário cubano que ascendeu a major na Guerra dos Dez Anos (1868-1878), a primeira guerra de independência de Cuba contra o colonizador, Espanha na altura. Morreu em combate e é considerado o herói de Camagüey.

AGRO — mercado de produtos agrícolas.

ASERE OU ACERE — expressão equivalente a «meu» ou «pá».

BAYAMESA — pessoa da província de Bayamo.

BODEGA — loja do estado onde se vendem bens essenciais da *libreta* cubana.

BOHÍO — espécie de cubata.

BUCANERO — marca de cerveja cubana.

CDR — Comité de Defesa da Revolução; comités de bairro que mantêm a limpeza, a segurança e a vigilância dos bairros.

CLANDESTINO — filme do realizador cubano Fernando Pérez de 1987, muito popular na ilha.

CENTRAL — pequena povoação que vive do engenho da cana-de-açúcar.

CHICHARRONES — torresmos.

CIMARRÓN — escravo fugitivo.

COLECTIVO — táxis colectivos.

GÓMEZ, JOSÉ MIGUEL (1858 - 1921) general cubano da guerra da independência que se tornou, em 1909, presidente da República.

GUAJIRO — camponês branco.

GUANTANAMERA — habitante da província de Guantánamo.

GUARAPO — garapa picada, bebida de cana-de-açúcar.

GÜIRO — instrumento musical de percussão, muito comum em Cuba. No Brasil diz-se «reco-reco».

GUSANO — vermeoubicho-da-seda. Metaforicamente, em Cuba, é o nome dado aos dissidentes ou a quem conspira contra o governo.

JINETERA — prostituta.

LIBRETA — caderno de racionamento.

MALECÓN — passeio à beira-mar na baía de Havana.

MAMBI — guerrilheiros independentistas da época da colónia, na sua maioria, negros.

MAMEY — também chamada *sapota* ou *zapota*, é um fruto semelhante ao alperce mas grande, típico do Caribe e do sul da Florida.

MARTÍ, JOSÉ (1853-1895) — herói nacional cubano. Poeta, ensaísta, jornalista e revolucionário, é o símbolo da independência de Cuba no século XIX.

МИНСК — Minsk, capital da Bielorrússia, em cirílico. Em Cuba, até 1989, era comum os electrodomésticos virem do antigo Bloco Soviético.

NOTICIERO — o Noticiero ICAIC Latinoamericano era o noticiário do Instituto do Cinema Cubano (ICAIC) criado pelo realizador Santiago Álvarez, em 1960. Os programas eram uma espécie de

«cinema de actualidades», passavam antes dos filmes, em sala, e terminaram em 1990 devido ao *período especial*.

PALESTINO — nome pejorativo que os havaneses dão aos habitantes da zona oriental de Cuba.

PERÍODO ESPECIAL — oficialmente apelidado de «período especial em tempo de paz», são os anos a partir de 1990, ou seja, subsequentes ao desmantelamento da União Soviética, de grandes dificuldades económicas.

PINGA — calão para pénis; «*de pinga*» é equivalente a «do caraças».

QUILOMBO — comunidade criada por escravos fugitivos.

SOLARES — casas humildes, como ilhas, com um pátio ou corredor comuns.

SON — estilo musical tradicional cubano.

TAMALES — pequenas almofadinhas de milho recheadas de porco, típicas dos países da América Latina.

TRIGUEÑA/O — pessoa branca, morena.

VAN VAN — banda muito popular de música salsa.

Raquel Ribeiro nasceu no Porto, em 1980. É jornalista e escritora. Doutorou-se no Reino Unido com uma tese sobre a ideia de Europa na obra de Maria Gabriela Llansol. É colaboradora regular do jornal *Público*, foi bolsista Gabriel García Márquez da Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano, na Colômbia, e da Universidade de Nottingham, com o projecto *War Wounds*, sobre testemunhos da presença cubana na guerra civil de Angola. Viveu em Cuba e em Inglaterra. Sob o pseudónimo Maria David, publicou *Europa* (2002) e vários contos.

este samba no escuro

foi composto em caracteres Hoefler Text e impresso pela Guide, Artes Gráficas, sobre papel Coral Book de 80 gramas, em Outubro de 2013.